

A ARTILHARIA NA GUERRA NUCLEAR

Maj Art

RUBENS GURGEL DE SIQUEIRA
Aluno da ECEME

I — INTRODUÇÃO

Com o aperfeiçoamento sempre crescente dos engenhos nucleares, a fisionomia dos campos de batalha tornou-se diferente dos da 2ª Guerra Mundial. Agora — como medida de proteção — dispersam-se os elementos de manobra no terreno e procuram-se alvos inimigos compensadores para o emprêgo de armas nucleares disponíveis.

A explosão nuclear geralmente desvenda a direção do esforço do atacante, atraindo, assim, a reação inimiga para o setor atingido; sendo de capital importância o seu emprêgo no combate, verifica-se que a surpresa é sacrificada, em face dos resultados decisivos proporcionados por tais armas contra alvos críticos. Entre a locação de um alvo e o ataque ao mesmo por uma arma nuclear, decorre um espaço de tempo — sempre apreciável — sendo êste um dos problemas básicos de emprêgo dos nucleares.

A artilharia convencional, no tocante ao desenvolvimento dos meios nucleares, está muito longe ainda de se tornar uma arma obsoleta para os campos de batalha dos dias atuais; ela destrói, neutraliza ou imobiliza as forças inimigas, tornando-as alvos compensadores para os engenhos nucleares — o convencional complementa o nuclear, e ambos se afinam no apoio à arma base.

Uma área atingida por um artefato nuclear, que tenha produzido efeitos diferentes dos desejados, pode tornar-se intransitável durante grande espaço de tempo. O comandante que tiver decidido o emprêgo da arma, poderá ter bloqueado o seu eixo de progressão previsto, e ser forçado a utilizar direção de ataque menos favorável. Os engenhos nucleares não são adequados para ações estreitamente coordenadas; neste particular continuará a não existir substituto para a artilharia convencional.

A explosão de um meio nuclear que tenha altura de arrebrandamento inferior à prevista, poderá ameaçar a segurança das tropas amigas e retardar a manobra, devido à ocorrência de precipitação radioativa. Com a artilharia clássica isto não se observa, porque o fogo que dificulta as operações amigas é suspenso ou transferido com rapidez de uma zona para outra.

II — DESENVOLVIMENTO

Os mísseis nucleares, mesmo quando surgirem em maior escala que atualmente, serão meios caros e de emprêgo pouco econômico, a não ser sôbre alvos de importância, como por exemplo um batalhão de infantaria ou unidade equivalente.

Sòmente quando o inimigo fôr detido êle será forçado a emassar-se e, conseqüentemente, a apresentar um alvo de vulto e identificável com facilidade para o emprêgo nuclear. A experiência da 2ª Grande Guerra, confirmada na campanha da Coréia, nos demonstrou que o meio mais eficaz de deter o inimigo é por intermédio do fogo da artilharia convencional nas proximidades das nossas próprias tropas.

Na guerra moderna as armas nucleares são um complemento e não um substituto para a artilharia clássica. Em um setor, porém, elas são superiores, ou seja, na neutralização ou destruição dos canhões inimigos: na contrabateria.

Um arrebantamento nuclear, com um ponto zero aproximadamente central em relação às posições da artilharia divisionária, poderá causar danos e baixas, privando a Divisão do essencial apoio de artilharia.

Os mísseis nucleares, sendo armas eficientes na contrabateria, e os canhões, sendo muito mais difíceis de ocultação e proteção do que a infantaria, a artilharia divisionária será normalmente um dos alvos mais prováveis para um ataque nuclear. Como medida de proteção, os grupos de artilharia procurarão dispersar-se, suficientemente, para apresentar o alvo menos compensador possível para os engenhos nucleares. Uma outra proteção que poderá ser utilizada pela artilharia de campanha contra as armas nucleares é a simulação. A suposta região da AD deverá parecer ao inimigo ser a verdadeira, atraindo os fogos nucleares para o centro dessa área, que deverá ficar desocupada.

Uma vez que os espaldões normais de peça pouca proteção oferecem contra as explosões nucleares no ar, ou mesmo contra as granadas comuns com espoleta de tempo ou de proximidade, as peças devem ser colocadas em dobras do terreno — como fundo de ravinas — o que daria excelente proteção contra os arrebantamentos atômicos.

As roupas de proteção para reduzir os efeitos das radiações, clarão e calor, deverão merecer interesse especial para os artilheiros e uma preocupação para tôdas as fôrças em combate; isto porque a artilharia é um alvo muito provável para os ataques nucleares e essas roupas especiais poderão ser mais facilmente usadas pelos artilheiros do que pelos já sobrecarregados infantes.

A artilharia autopropulsada e totalmente blindada na guerra moderna, oferece a melhor proteção contra as explosões do inimigo — em ação ou em deslocamento —, bem como se encontra perfeitamente capacitada na defesa contra carros, principalmente devido à sua mobilidade e grande campo de tiro.

Mais do que no passado, a artilharia de campanha terá de deslocar-se rapidamente em apoio aos elementos de manobra de uma DI, DIMec ou Divisão Blindada; como nos deslocamentos é que a artilharia se apresenta mais vulnerável, ela deverá permanecer nessa situação o menor tempo possível. É evidente que, no tocante à mobilidade tática, todos os argumentos pendem para o lado da artilharia autopropulsada, suprida de munição, preferencialmente, por meio de helicópteros de carga.

Um ataque nuclear certamente ocasionará sérias dificuldades no sistema de comunicações e as linhas telefônicas, provavelmente, serão as mais atingidas. O calor da explosão derreterá os isolamentos de todos os fios próximos ao arrebentamento e os destroços, possivelmente, cortarão os cabos aéreos. O enterramento seria uma solução quase impossível, a não ser em frentes estabilizadas; a melhor solução seria envolver os fios com material resistente ao calor.

Do mesmo modo que o PC da bateria deverá estar sempre pronto para funcionar como PC do grupo, em caso de necessidade, o PC do grupo deverá ser organizado de maneira que possa substituir o PC da AD, quando este fôr destruído.

A rapidez e precisão na localização de alvos é de grande importância numa guerra nuclear ativa e os radares podem ser utilizados, seja para a localização dos morteiros inimigos, seja para a detecção do movimento de veículos. Em condições favoráveis, os radares podem ser de importância decisiva no combate sob condições nucleares, podendo localizar precisamente a reunião de veículos inimigos e os pontos exatos em que estão sendo abertas brechas num obstáculo.

Na guerra moderna a importância da artilharia antiaérea decresceu muito em relação à 2ª Guerra Mundial. Na artilharia divisionária atual não aparecem mais unidades antiaéreas orgânicas; estas são fornecidas à Divisão pelo escalão Exército e não permanecem sob o comando da AD. Os mísseis superfície-ar assumem importância capital na defesa anti-aérea na guerra sob condições nucleares. A dispersão, a dissimulação e as metralhadoras, cresceram de vulto para a defesa contra os aviões inimigos em vôo baixo. A artilharia divisionária da Divisão de Infantaria e das Divisões Blindada e de Infantaria Mecanizada, organizada nos moldes atuais do Exército dos EUA, consta de comando e Bia comando, três grupos de obuses 105 mm, auto-rebocado ou autopropulsado; um grupo de obuses 155 mm-8" auto-rebocado e autopropulsado e um grupo de mísseis HONEST JOHN, com alcances máximos, respectivamente, de 10, 20 e 40 quilômetros; o material AR se encontra na DI, e o AP na DB e DI Mec. O grupo de mísseis HJ possui duas baterias de tiro e duas peças e tem por missão executar a ação de conjunto de artilharia de longo alcance, ou reforçar os fogos para as unidades orgânicas da Divisão.

III — CONCLUSÃO

Em face do exposto, concluiremos que a artilharia de campanha, para atender às exigências de uma guerra sob condições nucleares, deverá apresentar as seguintes características:

1. Todos os novos canhões devem ser autopropulsados e possuir um teto de proteção, a fim de defender as guarnições contra os efeitos do calor, do sopro e da radiação.
2. As peças devem possuir um maior alcance — pelo menos 23 kms para os materiais médios — e devem atirar com maior ângulo de elevação.
3. Os canhões devem possuir boa precisão e maior cadência de tiro.
4. Outros materiais necessários à artilharia:
 - a) Roupas protetoras para as guarnições das peças.
 - b) Helicópteros para o suprimento de munição e serviço de estafeta.
 - c) Aparelho de rádio com um alcance aproximado de 24 kms.
 - d) Cabos telefônicos com revestimento à prova de calor.
5. Os radares são de grande importância para a localização de alvos para a artilharia, sejam morteiros inimigos ou viaturas em deslocamento.
6. Finalmente, nos canhões antiaéreos leves não podem ser instalados tetos de proteção, de modo que desdobrá-los numa área de provável alvo nuclear parece-nos um desperdício de pessoal e equipamento caro.